

Relato sobre Cardeal Mota – novembro de 2008

De Fernanda Gregory, estudante de Medicina da UFMG

“Deixar falar aqueles que tradicionalmente são designados a ser ouvintes, despertar o raciocínio e incentivar a dúvida, considerada o verdadeiro princípio da sabedoria de acordo com Aristóteles. Abolir formas de censura e valorizar todas e quaisquer indagações. Com este propósito, partimos de Belo Horizonte no dia 01 de novembro de 2008 com destino a Cardeal Mota – Serra do Cipó – local considerado “o jardim do Brasil” pelo paisagista Burle Max.

Aproximadamente vinte e cinco crianças, de 9 a 11 anos, estavam à nossa espera. Depois de uma rápida apresentação, iniciamos a oficina. Trabalharíamos a percepção das crianças em relação ao próprio corpo. Grandes folhas de papel foram pregadas no chão, uma criança contornava a outra, fazendo um molde de corpo humano. Com o molde feito, o “interior” do corpo foi preenchido livremente. “O rins”, “os fígados”, “a bola do joelho” foram alguns dos órgãos caprichosamente desenhados. Os órgãos do trato gastrointestinal eram denominados como “bucho” e “tripas”. Um dos garotos desenhou para cada dedo das mãos uma veia, cada uma dessas veias seguia uma trajetória própria e direta até o coração. Foi importante notar que este garoto demonstrava uma certeza e confiança enormes sobre seu desenho, pois alertou ao colega: “pode continuar desenhando, mas cada veia deve ficar na sua faixa e todas estão indo para o coração”. A liberdade de criação oferecida foi extremamente desfrutada pelas crianças. Mentis livres foram capazes de formular perguntas, de raciocinar. Com liberdade, um lápis e um papel, os pensamentos foram ativados e os nossos objetivos começavam a ser atingidos.

Num outro canto da sala, a garota Dayana respirava com as mãos sobre o tórax. Ao ser indagada sobre tal atitude, ela explicou que quando respirava aquele local “se enchia”, concluiu dessa maneira que o pulmão estaria “escondidinho” ali. Diferentemente da Dayana, o garoto Jorge concluiu que a real localização do pulmão era na barriga, região que, para ele, se enchia de ar no momento da inspiração. Percebemos durante esta atividade que órgãos do sistema reprodutor não foram desenhados e a bexiga apareceu explicitada em apenas um dos esboços. Em relação ao sistema cardiovascular, na maioria dos grupos, corações foram desenhados com a morfologia “romântica” comumente utilizada. Porém em um grupo formado apenas por meninos, os garotos afirmaram que não era nada daquilo; que o nosso coração possui formato idêntico ao coração de boi e ao de galinha, sendo o tamanho a única variável entre eles.

De uma forma geral percebemos a influência do ambiente sobre a vida das crianças. Elas vivem rodeadas de uma natureza exuberante, elogiada e reconhecida. Vivem em contato com animais, com a terra, com sabores específicos daquele local. Não estudam em uma escola renomada como várias da cidade grande, mas receberam do ambiente um ensinamento exclusivo e indiscutivelmente rico. Pedimos, então, que o ambiente em que vivem fosse retratado também nos desenhos. Água, plantas, animais foram ilustrados,

confirmando a impressão da forte influência da natureza e da forte integração dessas crianças com o meio.

Com os desenhos prontos, iniciamos a segunda parte da oficina. Os sentidos seriam despertados. As crianças se sentaram em círculos para escutar alguns sons previamente selecionados. O som de ondas do mar em rebentação não foi reconhecido, provavelmente aquelas crianças não conheciam o litoral e talvez nunca estiveram em contato com mar. Sons de cachoeiras, grilos e pássaros foram rapidamente reconhecidos, assim como músicas populares.

Concluimos que o rádio e a televisão consolidavam-se como meios de comunicação utilizados com frequência, uma vez que as músicas selecionadas eram trilhas sonoras de algumas novelas ou listavam-se como as mais tocadas pelas rádios nacionais. Além desses sons, as crianças foram expostas ao barulho de um trânsito engarrafado e confuso.

Reconheceram também este som, mas pediram que fosse trocado rapidamente, demonstrando uma grande aversão àqueles tipos de ruídos. Seguimos a oficina com a estimulação do paladar. Manga, banana, abacaxi e chocolate foram oferecidos. Para nossa surpresa, as crianças explicitaram uma predileção pelas frutas e não pelo chocolate. Demonstraram um conhecimento aguçado sobre as frutas, uma vez que falavam, ao provar, qual era o tipo da manga – “isto é manga coração de boi”.

O olfato, por sua vez, foi estimulado com café, mexerica, protetor solar, canela, achocolatado, queijo tipo gorgonzola e orégano. Pedimos que as crianças revelassem se a lembrança de algum fato de determinada situação ou de alguma pessoa estava associada a um daqueles cheiros escolhidos para a oficina. O café foi facilmente reconhecido e associado à hora do lanche ou ao café da manhã. A mexerica e o achocolatado também foram facilmente reconhecidos, assim como a canela, que despertou nas crianças lembranças de mingau de milho, de canjica e de arroz-doce. O queijo tipo gorgonzola não foi identificado, mas aguçou a memória trazendo à tona o pão-de-queijo da vovó e, até mesmo, o chulé do papai. O orégano também não foi identificado, mas fez com que as crianças também se lembrassem da pizza da vovó. Por fim, o protetor solar foi reconhecido, por várias crianças, como o perfume do colo da mãe, até que uma delas gritou: “já sei! é o cheiro do povo das pousadas”. Com esta fala, aquela criança dava visibilidade à marca da invasão turística na sua cidade.

Finalmente o tato foi estimulado com ingredientes de aspectos bem distintos: casca de abacaxi, amido de milho e uma espécie de geléia (amoeba) usada como brinquedo. Transcorridas nossas atividades, nos despedimos das crianças e voltamos para Belo Horizonte, com várias questões sobre o corpo humano a serem estudadas. Estávamos resolvidos que na próxima viagem à Cardeal Mota levaríamos noções sobre o sistema nervoso. Estávamos convencidos que apesar da complexidade deste sistema, as crianças seriam capazes de compreendê-lo, pois já demonstraram ter o combustível principal para esta compreensão: o interesse.”